

IMAGENS DO MODERNO NA CIDADE DE PATOS-PB: O CINE ELDORADO E OS RELATOS DE MEMÓRIA

JOSINALDO GOMES DA SILVA¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal preocupação, analisar a instalação do cine Eldorado na cidade de Patos - fato esse que se dá no ano de 1934 - e sua influência na construção de um imaginário de vida moderna na urbe em questão. Para alcançar tal objetivo, nos debruçamos no trabalho de rastrear os relatos de memórias ligados a referida temática. Assim sendo, o nosso trabalho com memória² tem como principal objetivo recuperar as representações³ expressas nos testemunhos: escritos e orais, de pessoas que viveram as transformações provocadas pelo cinema em Patos.

¹ O autor é mestre em História na UFCG – Universidade Federal de Campina Grande –PB. Professor de História no ensino médio na rede estadual de ensino da Paraíba, e na rede municipal de ensino de Salgadinho –PB.

² Devo deixar claro que apesar de reconhecer a existência de características comuns entre a memória e a história, defendemos a especificidade de ambas, sobre a narração do passado. Segundo Fernando Catroga, 2001 p.44 parece excessivo defender tanto a existência de uma diferença radical, como uma semelhança entre a memória e a história. Mais avisadamente Paul Ricoeur fala numa relação ‘indécise’. De fato, facilmente se aceita que ambas constituem modalidades essenciais de afirmação da consciência histórica e que as suas narrações não são uma mimese do espaço e do tempo reais, porque referenciam ‘objetos ausentes e presumem a sua onticidade. Deste modo, a *imaginação memorial e a imaginação histórica* não podem ser confundidas com a *imaginação artística*: para esta, a referencialidade e a verificação não constituem condições essenciais para a ordenação do seu discurso; e é-lhe indiferente o problema da comprovação da verdade e o da verossimilhança, porque a sua especificidade consiste, sobretudo, em produzir efeitos estéticos. Por sua vez a recordação e a historiografia constroem *re-presentificações* que interrogam os indícios e os traços que ficaram do passado.(RICOEUR, 2007)

³ A noção de representação que adoto, sempre que o termo for utilizado no decorrer deste trabalho, é fundamentada na discussão empreendida por Roger Chartier, em seu livro que tem como título *A história cultural: entre práticas e representações* (1990). Segundo ele, mais do que o conceito de mentalidade a representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos, seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p.23). Dessa forma, assim como defende Chartier, “*as percepções do social, não são de forma alguma discursos neutros*” (CHARTIER, 1990, p.17), porém, é possível elaborar uma narrativa verossímil do passado.

Nessa perspectiva, “não se trata de tentar alcançar uma lembrança exata de um passado como se fosse uma substância imutável, mas de estar atento a ressonâncias que se produzem entre passado e presente, entre presente e passado, aquilo que Benjamin chama de ‘experiência’ com o passado” (GAGNEBIN, 2009, p.66), assim sendo, segundo Ecléa Bosi, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas, refazer, reconstruir com imagens e idéias de hoje as experiências do passado” (BOSI, 1994, p.55). Devendo ressaltar que, nem por isso o discurso de memória perde a ligação com o real acontecido, tendo em vista que apesar da distância que separa narrador e objeto narrado, trata-se de depoimentos de sujeitos que viveram aquela temporalidade que tentam descrever, e por isso mesmo não conseguindo trazer totalmente o real acontecido, assim como defendia os adeptos da *Escola Metódica*⁴, seu discurso não pode deixar de ser influenciado por sua experiência de vida.

Dessa forma os relatos de memória podem até comportar características ficcionais, porém o universo do social e a sensibilidade de uma época se revelam diante do leitor de maneira verossímil, convincente. Portanto,

Para a recuperação de uma cidade, há que ter em conta, ainda, essas narrativas de fronteiras entre o documental e a ficção, que são as crônicas de jornal que falam do urbano, ou os discursos de memória que recompõem no tempo presente reminiscências e experiências passadas, contando as cidades do passado que as cidades de hoje encerraram (PESAVENTO, 2007, p.19).

Seria impossível mergulhar nos valores, nas maneiras de pensar e proceder de uma época, sem considerar seus cronistas. Nesse contexto, procuramos perceber nos relatos de memória, a relação entre a presença do cine Eldorado em Patos e as sensibilidades ligadas à vida moderna naquela urbe.

⁴A escola metódica tenta impor uma forma de pesquisa, que afaste qualquer especulação científica, visando a objetividade absoluta na história, nos moldes das ciências da natureza. Pois despreza a subjetividade do historiador, louva o apagamento do mesmo por detrás dos textos, e dessa forma, na sua postura ingênua, acredita que, uma vez o historiador, portando de fontes seguras, tem acesso direto a realidade. Para os positivistas a consciência é epifenomênica e inteiramente relativa às condições objetivas. E, por isso, acreditavam na possibilidade de uma ciência social nos moldes das ciências naturais. Para eles o mundo humano está tão submetido as leis, é tão determinado e, em consequência, tão cognoscível quanto o mundo da natureza. Portanto, a escola metódica, continua a dominar o ensino e a investigação em história nas universidades até aos anos de 1940; inscreve uma revolução mítica da coletividade francesa – sob forma de uma galeria de heróis e de combates exemplares – na memória de gerações de estudantes até os anos de 1960.

Entendemos que a primeira dificuldade que se apresenta a quem resolve se debruçar na investigação da temática ligada ao moderno, diz respeito a sua natureza ambígua e mutável. “Ele é transitório por natureza; é aquilo que existe no presente. O moderno do ano passado seguramente não é o moderno deste ano” (VELLOSO, 2010, p.11).

Contudo, olhamos para o moderno como um estado de espírito, um ritmo de vida que tinha como parâmetro a agitação típica das grandes metrópoles da época. E que chegou ao interior do Brasil, junto aos equipamentos modernos, entre eles o cinema. Portanto nas páginas que seguem, procuramos perceber como os relatos de memória revelam a presença do cinema em Patos, sobretudo, a presença de sensibilidades ligadas à vida moderna.

1. DO CINEMATÓGRAFO ITNERANTE AO CINEMA PERMANENTE: BREVE PERCURSO

O cinematógrafo itinerante marcou presença na cidade de Patos, no Sertão paraibano, na primeira década do século vinte. Deusdedit Leitão, lembrando fatos que lhe foram contados, relembra um trecho do discurso do Deputado Ernani Satyro pronunciado na inauguração de uma Escola técnica em Patos, quando o Deputado enfatizou as habilidades do mestre João de Barros:

Contaram-me dele que, no início do século, chegou a Patos um cinematógrafo. Era uma sensacional novidade que despertava a geral curiosidade da população local. Instalado no edifício do Mercado Público, totalmente lotado por curiosos que queriam ver de perto aquela invenção, na hora marcada, o dono do cinematógrafo pediu desculpa porque não podia fazer a apresentação do filme em face de um defeito no projetor. O protesto foi geral e alguém da platéia gritou em tom de zombaria: *se esse negócio está quebrado chame o mestre João de Barros*. (grifos do autor) O dono do aparelho ficou perplexo com aquela revelação e perguntou quem era aquele mestre João de Barros. Informaram-lhe que se tratava de um artista habilidoso que sabia consertar tudo. Mandaram chamá-lo e ele chegou muito desconfiado. Olhou aquela geringonça que nunca tinha visto. Mexeu pra lá e pra cá e pôs o cinematógrafo a funcionar (LEITÃO, 2000, p.226).

Retemos da citação acima, o indício da presença do cinematógrafo itinerante na cidade de Patos, ainda na primeira década do século XX. Presença essa, que só não foi

frustrada, graças ao mestre João de Barros que consertou a máquina a tempo de possibilitar aquelas pessoas que se encontravam ansiosas no pequeno mercado público daquela cidade interiorana, presenciar uma das grandes maravilhas da modernidade, o cinematógrafo.

O memorialista não se refere ao filme ali exibido, porém, é possível imaginar o impacto que tal exibição causou na pequena cidade, e também na zona rural do município, tendo em vista que a referida apresentação se deu em um dia feira, dia esse marcado pela intensa presença de moradores egressos dos sítios e/ou fazendas, localizados nos arredores da urbe, que puderam constatar pessoalmente que aquela máquina funcionava de verdade. Pois, talvez a atenção deles estivesse mais voltada para verificar se aquela “geringonça” de fato funcionava, fazia fotogramas se moverem como se tivessem vida, do que pelo enredo do filme apresentado, que na época geralmente trazia “conteúdos documentaristas com fotografias de paisagens, e cidades diversas, sem preocupação com o enredo, dentre outras características presentes nos filmes atuais” (SOUZA, 2009, p.28).

Outro registro que encontramos sobre a presença do cinematógrafo itinerante em Patos, encontra-se citado por Willis Leal. Trata-se de um artigo publicado no jornal *Correio da Paraíba* de 21 de junho de 1967, de autoria do jornalista, escritor e político patoense, Octacilio de Queiroz. Segundo ele:

O primeiro cinema a luz elétrica surgido em Patos, deve-se a José Gomes da Costa, filho de Bernardo das Cabeças, hoje Santa Terezinha, que morando no Recife, 1913, aproximadamente deu-se o prazer de levar a terra natal a grande novidade. Tinha pequeno motor próprio, ao que tudo indica, pois um dos valentes da terra tocou o punhal ‘no motor’ e recebeu um choque. O filme principal exibido sob intensa emoção, foi ‘A Paixão de Cristo, ao que tudo indica, velha película de ‘Pathé Freeres’ de Paris. O local de exibição foi a antiga casa da Câmara, sede do Conselho Municipal. (LEAL, 2007, p.96).

Além de Patos, outras cidades localizadas no Sertão paraibano também tiveram a presença do cinematógrafo itinerante nas primeiras décadas do século XX. Em Cajazeiras, por exemplo, há registro de que já em 1905 uns mascates vindos do Ceará fizeram exhibições cinematográficas nos dias de feira. Também na referida cidade, no ano de 1907, teria funcionado o primeiro cinema numa casa adaptada no centro da cidade. Porém, segundo o jornal *Rio do Peixe*, edição de outubro de 1926, só em 1915,

com a chegada de Jan Bichara, vindo do Líbano, se instalou o primeiro cinema permanente.

Um constante frequentador do cinema de seu Bichara era Deusdedit Leitão, que destaca em suas memórias os momentos em que a platéia bradava “tira o dedo seu Bichara”, isso acontecia quando pelo bem da “moral e da decência” nas cenas de beijos, por exemplo, a máquina de projeção era tapada para que as senhoras e senhoritas de família não presenciassem tal escândalo. Assim, nas sessões de cinema, tornou-se hábito a distribuição de trechos da *Encíclica Vigilante Cura*, que pregava o dever de todos os católicos de defender a dignidade, a moral e a honra da família (LEAL, 2007, p.101).

Todavia, apesar dos apelos da igreja, contra o que eles denominavam de “mal cinema” ou “escola do crime”, as salas destinadas a projeções cinematográficas espalhavam-se pelo interior afora.

Na década de 1920 funcionava em Patos o cine Pathé de Plínio Cavalcanti localizado a atual Rua Miguel Satyro, em cuja tela se projetava as mais famosas películas do cinema mudo, algum tempo depois o cinema Pathé fechou. Mais tarde um general reformado do exército, filho de Patos, Gregório de Paiva Meira, instala o cine Farol, da Av. Solon de Lucena. Das mãos de Gregório Paiva Meira o cine Farol passa as de Narciso Monteiro que o transfere para José Branco e Dedé Cirilo. Tempos depois o cine Farol dar lugar ao cine Eldorado. Fundado em 1934 por Agripino Cavalcanti, vindo de Alagoa Grande (ARAÚJO, 2000, p.2-3).

2. O ELDORADO E AS NOVAS SENSIBILIDADES EM PATOS

No ano de 1934, o *Cine Eldorado* foi incorporado ao cotidiano de Patos. Funcionou de 1934 a 1946 no prédio que localizava-se na rua Grande, atual Solon de Lucena, onde atualmente encontra-se a *Laser Eletro*. Com o *Eldorado*, o imaginário do mundo moderno, foi cada vez mais penetrando no cenário tradicional da cidade. Segundo um dos nossos memorialistas: “sempre que podia jogava-se dentro do rio da Farinha e fazia dos poços da Pedrinha, e do Juá o seu refúgio de muitas horas. Sonhava com os filmes de Buck Jones e muitas vezes pensou em fugir para o oeste americano para assistir de perto as brigas dos Westerns” (TRAJANO, 1972, p.103).

O personagem da citação acima - Neó Trajano – nasceu em Patos em 03 de novembro de 1924. Portanto, em 1934, ano da inauguração do *Eldorado* estava com dez anos de idade. Em suas memórias, descreve as peripécias que teve de realizar para assistir os filmes de faroeste exibidos no *Cine Eldorado*. E assim ver na tela do cinema as aventuras dos seus heróis preferidos, que já faziam parte do cotidiano da meninada daquela cidade, a exemplo de Buck Jones, Ken Maynard, Bob Steel, Rodolf Scolt, entre outros. Enfim, o *Eldorado* possibilitou uma nova e atraente forma de lazer na cidade de Patos, que assim como muitas cidades do interior, era tão carente de diversões.

Não são poucos os relatos que falam sobre o *Eldorado*, ponto de encontro da juventude patoense, onde foram exibidos filmes ontológicos, como *O ébrio*, *E o vento levou*, *Casablanca*, entre outros clássicos do cinema. O referido cinema foi também local de Flerte, “uma das formas mais comuns de relacionamento do período estudado, exemplo de prática afetiva da época (acontece rapidamente e termina mais rápido ainda), envolvendo vários parceiros (pode-se flertar em um curto tempo com mais de uma pessoa)” (REZENDE, 2008, pp.64-65). Apesar das restrições a elas direcionadas, a mulher moderna não estava excluída desse redemoinho de mudanças que envolvia o moderno, pois, na cidade de Patos e alhures, as moças sempre arranjavam um jeitinho de ir ao cinema, e lá assistiam os romances cinematográficos, mas também viviam os seus.

Eu ainda estava na fase transitória do Flirt(sic) quando, poucos dias depois de vê-la pela primeira vez voltei a encontrá-la nas proximidades do Cine Eldorado que estava sendo exibida a versão cinematográfica o famoso romance... E o Vento Levou, de Margareth Mitchek, estrelado por Clark Gablle e a Trêfega Vivien Leigh. Já sabia que ela ia ao cinema e procurei me valer daquele pretexto para ligá-la romanticamente, à incipiente e vibrátil paixão que me dominava (LEITÃO, 2007, p.217)

O cinema passou a possibilitar uma certa vida pública noturna na cidade de Patos, foi também um ponto de novas sociabilidades, tendo em vista que além da exibição de filmes, se tornou um ponto de encontro da juventude, sendo relacionado a idéia de sensibilidade exatamente por ter provocado um impacto na vida cotidiana, resultando em mudanças de comportamento, de atitudes ou visão de mundo. Nessa

perspectiva, a pesquisadora Helmara Wanderley em trabalho desenvolvido na cidade de Pombal, recuperou alguns dos novos comportamentos que surgiram naquela cidade, comportamentos esses relacionados ao uso do cinema. Pois, “o ato de beijar em público, sentar no colo dos rapazes, atos esses que ainda eram considerados escândalos, as moças mais liberais não estavam nem aí, sentavam-se e agarravam-se mesmo” (WANDERLEY, 2009, p.136).

Como já vimos, em Patos, o *Cine Eldorado* tornou-se um ponto de encontro, principalmente dos jovens, que em seus passeios públicos (procurando imitar os comportamentos do mundo moderno) de preferência na calçada entre o *Eldorado* e a matriz de *Nossa Senhora da Guia*, (ver foto 01) enquanto aguardavam o início da projeção do filme, viviam seus romances que quase sempre iniciava-se com a prática do flerte, visto que era comum as moças passearem separadas dos rapazes. Dessa forma, namorar ou flertar era uma prática bastante complicada, mas como nada se mostrava impossível, tais práticas aconteciam mesmo.

O depoimento de Dona Maria José, uma das frequentadoras do *Eldorado* nos idos de 1940, é bastante revelador:

Comecei a namorar Deusdedit naquele cinema, primeiro eu estava na porta do Correio com uma colega quando ele passou eu perguntei a ela, quem é esse rapaz? Quando chegava gente diferente notava-se logo. Ai disse esse rapaz diferente ai! Ele olhou também. Nesse cinema foi onde começamos a namorar, as sorveterias eram na Sólón de Lucena onde hoje tem muitas lojas, ali era as sorveterias, bares, restaurantes⁵.

⁵ Depoimento concedido pela senhora Maria José César, ao autor em 11 de maio de 2010.



FOTO 01: Acervo da fundação Ernani Sátyro- Patos –PB

O prédio em estilo art decó, que pode ser visualizado na margem direita da foto. Foi onde funcionou o cine Eldorado, de 1934, ano de sua fundação, a 1946, quando foi transferido para o novo prédio da Rua Pedro Firmino. O prédio que pode ser visualizado na margem esquerda da foto é a matriz de Nossa Senhora da Guia, que ainda não havia recebido a sua torre, levando a crer que trata-se da antiga igreja que o padre Fernando Gomes demoliu para em seu lugar construir o novo templo⁶. O trecho de calçada que pode ser identificado entre os dois prédios, se constituía como um dos lugares prediletos para os passeios, enquanto se esperava o início da projeção dos filmes. Que era sinalizado pelo toque de uma sirene, que era acionada três vezes, sendo que a terceira sinalizava o início das projeções.

Portanto, o *Eldorado* aflora tanto nas memórias de Deusdedit como de Dona Maria José – chamada carinhosamente por ele de Mazé – como ambiente privilegiado do namoro deles, namoro aquecido pelos romances cinematográficos, e que resultou em casamento. Com relação a esse assunto vejamos o que o próprio Deusdedit diz:

⁶ Sobre esse assunto ver: SILVA, Josinaldo Gomes. *Imagens do Moderno em Patos: (1934 -1958)*. Campina Grande – PB: UFCG, dissertação de mestrado em História, 2011, pp. 115 - 122

Em uma das minhas visitas a Patos tomei conhecimento que o Cine Eldorado vinha programando a exibição do filme *A Porta de Ouro*, estrelado por Charles Boyer e Olivia Havilland. Já o conhecia mas fiquei interessado em revê-lo pelo colorido romântico do seu enredo que, de certo modo, se ajustava aos dias que vinha vivendo no meu anseio de voltar a Patos. Manifestei a Mazé o meu desejo de que ela assistisse comigo aquele filme pela ternura do argumento tão apropriada a notória meiguice da encantadora Olívia Havilland. Combinamos a nossa ida ao Cine Eldorado no dia marcado para a exibição daquele filme. E assim foi feito, apesar do meu sacrifício para alcançar Patos em tempo de levá-la ao cinema, o que me obrigou a utilizar um caminhão carregado de porcos que passava por Pombal. Assistimos o filme e, mais uma vez deixei-me dominar pela emoção provocada pela excelente interpretação da famosa dupla do cinema americano. Foi o primeiro filme que assistimos juntos acompanhando os lances emocionantes daquele casal romântico que lutava para transpor a porta de ouro da fronteira americana para poder viver a pureza dos seus sonhos (LEITÃO, 2000, p.221).

O *Cine Eldorado* em determinados momentos também funcionou como teatro, tendo em vista que a pedido do padre Vieira⁷, os donos do *Eldorado* trouxeram para Patos, eventos em destaque no sul do Brasil, a exemplo da famosa ópera *Aída* de Giuseppe Verdi, mostrada a todos os alunos do Diocesano⁸.

Enfim, além de cine-teatro, o *Eldorado* em certos momentos também sediou apresentações de renomados cantores, tanto do Brasil como da América Latina. Segundo Vavá Brandão, em 1943 – quando o *Cine Eldorado* ainda funcionava no seu prédio localizado na Rua Grande – Augusto Calheiros, que fazia uma excursão por todo o Nordeste, apresentou-se para uma platéia enorme que encontrava-se no seu auditório.

Eu fiquei na fila da frente e acompanhei tudo de perto. Ele abriu o Show com *Trinta minutos* e em seguida cantou os seguintes sucessos: *De papo pro ar*, *Mulher gaúcha*, *Célia*, *Garoto de Rua*, *Ave Maria*, *Prelúdio da sonata*, *chuá chuá*...além dele participou também do show, com grande aceitação, o cantor Paulo Sobral que se apresentava trajado de mexicano, com chapéu, manta violão e cantava músicas do México, como *Rancho grande*, *La fronteira Del México*, etc. O espetáculo foi dividido em duas sessões, para atender a grande quantidade de pessoas, pois enquanto rolava a primeira apresentação, a rua já estava cheia dos que esperavam a segunda. Eu participei da primeira, mas soube no outro dia que na segunda apresentação ele havia repetido basicamente as mesmas músicas da primeira⁹.

⁷ Diretor do Colégio Diocesano de Patos por aproximadamente de 30 (trinta) anos

⁸ VIERA, Sidney Tôres. *GPD: histórias e revelações*. Fortaleza: Pouchain Ramos, 2004, p.54

⁹ BRANDÃO, Vavá. *A história de Patos*. mimeo.

O show foi assunto das principais conversas que aconteciam na cidade de Patos durante muitos dias. E não podia ser diferente, pois Augusto Calheiro, principal atração, havia iniciado sua carreira em 1935, no Rio de Janeiro, e rapidamente fez grande nome em todo o país. Assim sendo, o auditório do *Eldorado*, naquela noite, assumiu características dos auditórios das grandes rádios brasileiras, a exemplo da rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde apresentavam-se os grandes astros e estrelas da música. Enfim, naquela noite de gala, os patoenses sentiram-se em sintonia direta com o moderno.

Em 1944, o auditório do *Eldorado*, mais uma vez foi palco de uma grande apresentação artística, desta feita, foi a *Orquestra Tabajara*, do maestro Severino Araújo, que ia apresentar-se na inauguração do hotel de Brejo das Feiras. E mais uma vez, o nosso memorialista, Vavá Brandão, que era sobretudo um apaixonado por música. Testemunha:

Durante o show foram executadas e cantadas músicas de sucesso da época como: *O amor é sempre amor*, *Nunca saberás*, *Falsa Baiana*, *Smuck da moda*, *Béguin the Beguine*, *Moonlight Serenade* e outras. Era um repertório completo de músicas brasileiras e estrangeiras, todas interpretadas com perfeição. Durante a apresentação a Tabajara utilizou os seguintes músicos: Severino Araújo (regente); Sebastião de Barros (K. Ximbinho), Jaime Araújo, José Araújo (Zé Bodega), Lourival Clementino e Genaldo Medeiros - saxofones; Manoel Araújo, José Leocádio e Aurélio Camilo - trombones; Plínio Araújo Geraldo Medeiros e Porfírio Costa, pistões; Jorge Aires, bateria; Cláudio Freire, piano; Juvenal - contrabaixo; Del Loro Guitarra; Gilberto D'Ávila - percussão; J. Monteiro e José Ramos – cantores. Um público muito grande lotou as dependências do velho cinema e os organizadores foram obrigados a fazer duas sessões¹⁰.

Em 1946, Agripino Cavalcanti associou-se ao técnico em eletricidade Joaquim Araújo, e juntos fundaram a empresa *Cavalcanti e Araújo*, construíram então um prédio próprio na Rua Pedro Firmino, cujo início da construção se deu em 1942, e a inauguração em 09 de fevereiro de 1946, com o filme “*A Sultana da Morte*”.

¹⁰ idem



FOTO 02: Acervo da Fundação Ernani Sátiro

A imponência do novo prédio do *Eldorado*, estilo art. *Décor*, localizado no centro da cidade, próximo ao prédio da Prefeitura Municipal, da Escola Rio Branco e do Hotel Central, sendo, este último, localizado próximo ao ponto de parada dos automóveis, caminhões e marinetes, uma espécie de rodoviária. Se antes o *Eldorado* já era visto como um ícone do moderno em Patos e região, com a inauguração do seu novo prédio, a população passou a comparecer em massa às sessões, tornando viável o empreendimento.

A equipe do *Eldorado* organizou a programação pensando em atrair cada vez mais a população patoense para a referida casa de exibição cinematográfica. Sendo assim, na terça-feira acontecia à sessão popular com reprises; na quarta-feira filmes de amor, destinados principalmente as moças. Já na quinta-feira acontecia o seriado, com destaques para alguns filmes, a exemplo de: *O Segredo da Ilha do Tesouro*, *O falcão*, e *a Caverna*. Nos domingos aconteciam as matinês. Em 18 de maio de 1957 o referido cinema inaugurou o moderno equipamento de cinemascopo (que possuía projetores Scopus VII, projeção de alta intensidade (45 a 60 amperes, RCA; equipamento sonoro Phillips, tela plástica TOP-AZ 5 x11ms, scope ótico com nove alto falantes para efeitos estereofônicos) com a exibição do filme *Desirée - o amor de Napoleão* – com Marlon Brando e Jean Simons.

Para assinalar o acontecimento foi publicado um folder, contendo matérias sobre o cinema, agradecendo aos colaboradores e aconselhando como se comportar no cinema¹¹.

Em sua nova casa o *Eldorado*, além da exibição de filmes, continuou sediando as grandes apresentações artísticas na cidade de Patos. E assim sendo, em seu novo auditório desfilaram astros e estrelas do rádio. A exemplo de Orlando Silva – o cantor das multidões – que foi contratado por Mauricio Leite, na época diretor da *Rádio Espinharas* de Patos. Na incapacidade do pequeno auditório da *Espinharas* em comportar o grande número de pessoas que deveriam prestigiar o evento, o diretor da referida emissora, preferiu que o show acontecesse no auditório do *Eldorado*, que tinha capacidade para receber um público bem maior. E como era de praxe em qualquer apresentação artística que acontecia na cidade de Patos, o nosso memorialista, Vavá Brandão, estava presente no evento. Só que desta vez não estava na platéia, e sim no palco, visto que o conjunto dele, que era conhecido pelo nome de *Vavá e seu conjunto*, composto pelos músicos: Vavá no pandeiro, Emiliano no violão, Bideca na Manola e Manoel de Donália no clarinete, teve a honra de fazer o acompanhamento do show do cantor das multidões, que fez uma apresentação espetacular, no auditório do *Eldorado* completamente lotado. “Orlando hospedou-se no Hotel Copacabana¹² de Antonio Benevides, em companhia da sua esposa Dona Lourdinha, e quando foi fazer as apresentações nas outras cidades, exigiu a presença do nosso conjunto”, destaca Vavá Brandão.

Além do “cantor das multidões” que encantou a cidade sertaneja, o auditório do *Eldorado* também serviu de palco para Nelson Gonçalves, cujo show ocorreu em maio de 1961, quando Nelson Gonçalves fez uma turnê pelo sertão, com apresentações nas cidades de Patos, Cajazeiras e Souza. Vává Brandão, que dessa vez estava tocando bateria, acompanhou Nelson Gonçalves nos três shows, que por ordem de realização se deram da seguinte forma: em Cajazeiras, no clube *Primeiro de Maio*; em Souza, no *Ideal Clube* e em Patos no *Cine Eldorado*.

O show de Patos foi como os demais, um verdadeiro sucesso, com o cinema superlotado por cerca de mil pessoas, nas cadeiras, nos corredores e nas laterais. Algumas pessoas levaram cadeiras de casa e colocaram na área dos fumantes. Nelson cantou velhos sucessos de Roberto Robert, Herivelto

¹¹ *Patos em Revista*, edição histórica, Patos: Gráfica JB, 2005, p.81

¹² O referido Hotel localizava-se na Rua Eptácio Pessoa, onde atualmente fica o edifício Raiani.

Martins, Roberto Martins, Mario Lago, Francisco Alves, Dorival Caimy, David Nasser, Custódio Mesquita, Evaldo Rui e outros; cantou também os recentes sucessos de Adelino Moreira, no auge da parceria que durou a vida inteira. Entre as músicas apresentadas destacamos. A volta do boêmio, Segredo, Dos meus braços tu não sairás, Marina e outras. Nem precisa falar que o público delirou e que o cinema estremeceu, sob os cuidados de seu Agripino. O sucesso no palco repetiu-se no convívio com o nosso povo. Durante o tempo em que ele esteve entre nós recebeu inúmeras visitas e concedeu incontáveis autógrafos¹³.



FOTO Nº 03: acervo da família

O grupo musical registrado na foto acima, denominado de *Vavá e seu conjunto*, pertencia a Vavá Brandão e surgiu na cidade de Patos, no final da década de 1950. O referido conjunto tinha como componentes: Vavá na bateria, Amaury de Carvalho e Aguinaldo Sátyro como vocalistas. Antonio Moreno, Antonio Emiliano, Chico Cabaré e Pedrinho, na parte instrumental. Um dos espaços privilegiados de apresentação da nova banda era o programa de Ramalho Silva, intitulado Festival da cidade, apresentado no *Cine Eldorado* e transmitido pela Rádio Espinharas.

Entretanto, foram muitos os artistas que se apresentaram no auditório do *Eldorado*, que mesmo após a inauguração da *Rádio Espinharas* continuou a sediar os grandes eventos artísticos de Patos. E sendo assim, foi naquele cinema - que na época estudada possuía um edifício grande e moderno - que os patoenses viveram um pouco do que seria a *era de ouro do Rádio*. Foi ali onde sentiram a emoção de ver, ouvir e muitas vezes até tocar ou conversar com os seus ídolos. Enfim, na sua dobradinha com a *Rádio*

¹³ BRANDÃO, Vavá. Op.cit.

Espinharas, trazendo os ídolos da música nacional e internacional, o *Eldorado* colocou os patoenses em sintonia com o ritmo de vida civilizada, que teve como referência as cidades ditas modernas.

Nessa perspectiva, em 1965, Bienvindo Granda, um dos grandes nomes da música no Brasil e na América Latina, fez sucesso no Brasil com as músicas: *Angústia*, *Calla*, *Oracion caribe*, *A laurila del mar*, *Luna*, *Perfume de Gardênia* e muitas outras canções. O show contou com a presença de cerca de mil e quinhentas pessoas, que lotaram o auditório do Eldorado. Mais uma vez, Vavá e seu conjunto, que desta feita era composto por: Vavá na bateria, Zé Costa do Acordeon, Antonio Moreno no violão, Zé da Trompa nas maracás e Dedé Gambarra no pistom¹⁴.

Portanto, o *Eldorado* e as atividades ali desenvolvidas, que como vimos não foram poucas, emprestou um ar de modernidade a Patos. Possibilitou a muitos patoenses sentirem a emoção de participar de espetáculos que haviam sido vivenciados nos principais centros urbanos do Brasil.

O *Eldorado* funcionou no prédio da Rua Pedro Firmino, até 1971, quando seu Agripino Cavalcanti, em acordo com o seu sócio, vendeu a sua casa de exibição para a empresa de cinema *São Francisco*, pertencente a Zé do Ouro, com sede em Caicó no Rio Grande do Norte. Que imediatamente tratou de concluir o prédio que havia sido começado na Rua do Prado, que ficou conhecido como o “Gigantão do Prado”.

Enfim, assim como nas demais localidades, no Brasil e no mundo, por onde o cinema se instalou, em Patos, a sua influência no imaginário social é bastante evidente nas fontes que tivemos acesso. Como vimos, a referida cidade recebeu a visita do cinematógrafo itinerante ainda nos anos iniciais do século XX. Porém, nesse trabalho procuramos focar a nossa análise no impacto que o cinema exerceu no imaginário social da urbe, a partir da instalação do Cine Eldorado, em 1934. Nesse contexto, ir ao referido cinema pelo menos uma vez na semana se constituía como um hábito moderno, tendo em vista que, além de casa de exibição cinematográfica, e apresentação de shows, com artistas locais, nacionais e internacionais, se tornou um local de encontro, um ponto de novas sociabilidades. Dessa forma, o *Eldorado*, emerge como forte presença na memória de muitos que viveram em Patos, nos idos de 1930, 1940 e 1950.

¹⁴ BRANDÃO, Vavá. Op. Cit.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Fátima. Agripino Cavalcanti. *Suplemento do Jornal A União* de 26 de setembro de 2000.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Vává. *A história de Patos*. mimeo.
- CABRAL, Nelson Lustoza. *Paisagens do Nordeste*. São Paulo: 1962.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/DIFEL, 1990.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: memória, história e narrativa. In: Revista *Mente Cérebro e Filosofia*, São Paulo: DUETTO, 2009 vol. 7.
- LEAL, Wills. *Cinema na Paraíba/cinema da Paraíba*. João Pessoa: Editora do autor: 2007.
- LEITÃO, Deusdedit. *Inventário do tempo: memórias*. João Pessoa: Empório dos Livros 2000.
- OLIVEIRA, Iranilson Buirti. *Façamos da família a nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. Tese de doutorado, UFPE, 2002
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, vol. 27, nº 53, jan-jun., 2007.
- QUEIROZ, Bertino Nóbrega. *Tempos de Octacilio Queiroz : Perfil de uma Vida*. João Pessoa: editora da UFPB, 2000.
- SOUZA, Lincon César Medeiros de. *Cinematógrafo: a imagem da modernidade e das práticas socioculturais na cidade de Campina Grande – 1900-1940*. Dissertação de mestrado, UFCG: 2009.
- TRAJANO, Neó. *Patos de minha infância*. Campina Grande: Editora e Gráfica Santa Fé Ltda, 1972.
- REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.
- _____. Cidade e modernidade: Registro históricos de amor e solidão no Recife dos anos de 1930. In: MONTENEGRO, Antonio Torres. *História: Cultura e sentimento: outras histórias do Brasil*. Recife: Ed. da UFPE, 2008.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François (et al). Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- VELLOSO, Monica Pimenta. *História e modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- VIEIRA, Sidney Tôrres. *GDP: histórias e revelações*. Fortaleza: Pouchain Ramos, 2004
- WANDERLEY, Helmara Gicceli Formiga. *Cotidiano, cultura e lazer em Pombal: as contradições do progresso (1927-1959)*. Dissertação de mestrado, UFCG: 2009.